



## **A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE RAZÃO NA PERSPECTIVA DE PASCAL EM BREVE COMPARAÇÃO COM O PENSAMENTO CARTESIANO**

### **THE IMPORTANCE OF THE CONCEPT OF REASON THE PERSPECTIVE OF PASCAL IN BRIEF COMPARISON WITH THE THOUGHT CARTESIAN**

Claudio Alberto Mendes Gomes

Mestre em Filosofia pela Universidade Gama Filho, UGF.Brasil.  
Professor nos cursos de Direito e Administração da Faculdade Cenecista da Ilha do Governador, FACIG e no curso de Administração da Faculdade de Belford Roxo, FABEL. Brasil.  
claudiogomes@cnecrij.com.br

#### **Resumo**

O conceito de razão é preponderante e essencial no pensamento do filósofo Blaise Pascal. Este filósofo viveu em um ambiente intelectual que teve em Renne Descartes seu principal expoente. O cartesianismo dominava a academia àquela época. Nesse contexto, procuramos discutir, no presente artigo, como se construiu o conceito de razão pascaliano, uma vez que este mesmo conceito é peça-chave no pensamento de Pascal e, ao mesmo tempo, se contrapõe ao conceito de razão predominantemente difundido nos sécs XVI e XVII, ou seja, ao conceito de Descartes. Uma comparação entre a visão de ambos quanto a razão é estritamente necessária para que sejamos capazes de compreender o ponto-de-vista de Pascal.

**Palavras-chaves:** razão; cartesianismo; pensamento filosófico de Pascal.

#### **Abstract**

The concept of reason is predominant and essential in the thought of the philosopher Blaise Pascal. This philosopher lived in an intellectual environment that had Renee Descartes in its main exponent. Cartesianism dominated the academy at that time. In this context, we seek to discuss in this article, as Pascal built the concept of reason, since this same concept is key player at the thought of Pascal and at the same time, is opposed to the concept of reason predominantly widespread in sixteenth secs and XVII, ie the concept of Descartes. A comparison between the vision of both as reason is strictly necessary for us to be able to understand the point of view of Pascal.

**Keywords:** right; Cartesianism; philosophical thought of Pascal.

## 1. Introdução

É difícil analisarmos certos conceitos pascalianos sem observarmos o contexto histórico de sua época e os compararmos com os de René Descartes. Afinal, muito da obra de Pascal, como não poderia deixar de ser, não foge a um ambiente cartesiano. Parece-nos, portanto, talvez mesmo imprescindível, para compreendermos melhor o pensamento de Pascal – por exemplo, em relação à razão e a Deus – que entendamos o fato de que Pascal viveu em uma época na qual predominava forte influência do pensamento de Descartes. Como observava Batista Mondim, (1997, Vol. 2, p. 79):

A influência de Descartes sobre seus contemporâneos foi enorme, especialmente na França, onde, nos séculos XVII e XVIII, se viveu quase exclusivamente de sua herança. Nos salões, nos seminários, nos conventos, nas universidades, seus livros eram lidos e suas teorias estudadas e achadas dignas de admiração e adesão. Houve, porém, exceções, e não desprezíveis, especialmente nos ambientes científicos. Entre os adversários mais irredutíveis de Descartes figura um gênio igualmente multiforme, Blaise Pascal.

Embora divergisse de Descartes, Pascal vivia imerso na grande repercussão que obteve a filosofia cartesiana e, mesmo combatendo-a em vários aspectos, frequentava ambientes e se relacionava com pessoas fortemente influenciadas por Descartes. Talvez a isso deva-se o fato de que muito da obra de Pascal parece tratar-se de uma resposta a Descartes.

Ainda em tempos modernos permanece a polêmica que se derivou da disputa epistemológica entre Pascal e Descartes, como indica Bergson em *Mélanges* (1952, p. 32):

Apelam a Pascal as doutrinas modernas que põem na vanguarda o conhecimento imediato, a intuição, a vida interior, a inquietude espiritual, do mesmo modo que apelam a Descartes os filósofos da razão pura. Descartes e Pascal são os grandes representantes das formas e dos métodos do pensamento que dividem o espírito moderno.

Se na obra de Descartes, como observaremos mais adiante, há a busca e a consequente definição de um alicerce racional no qual se erige todo pensamento e toda a ciência, observando a obra pascaliana perceberemos colocações em sentido inverso. Não que para Pascal não haja um alicerce sobre o qual se erguerão a ciência e a filosofia; o que não há é suficiência para a razão apreender, definir, julgar ou mesmo construir esse alicerce.

Descartes estabelece uma base puramente racional, entende que existimos pelo fato de

pensar e, ainda, defini um método que coloca a razão como abstrata, soberana e imparcial sobre qualquer ato que se possa praticar ou sobre qualquer influencia que se receba.

## 2. A perspectiva pascaliana

Sem negar a razão, Pascal mostra-se veementemente contrário a isso: “dois excessos: excluir a razão, só admitir a razão”. Na atualidade é comum se definir Pascal como “filósofo do coração” ou “alogicista”, porém, como sugere o pensante supracitado, de forma alguma ele despreza a razão. Na verdade, o que faz é procurar chamar a atenção para a existência de outros aspectos humanos que não simplesmente o racional. Somente por isso confronta-se radicalmente com o pensamento gerador de maior influencia filosófica do seu tempo, justamente o cartesiano.

O ponto de partida do conhecimento para Descartes é o uso da razão. Em Pascal essa visão desaparece. O que era apriorístico, torna-se um desdobramento a partir de algo que se dá anteriormente. Pascal, (1961, p. 122):

O conhecimento dos princípios primeiros, como o da existência de espaço, tempo, movimentos, números, é tão firme como nenhum dos que proporcionam os nossos raciocínios. E sobre esses conhecimentos do coração e do instinto é que a razão deve apoiar-se e basear todo o seu discurso.

Na passagem acima, revela-se uma das bases do pensamento pascaliano, o conhecimento dos princípios primeiros que Pascal considera como oriundos do coração<sup>1</sup>. O próprio Pascal exemplifica como a razão deve atuar e como é adquirido o conhecimento dos princípios primeiros. Pascal, (1961, p. 122):

O coração sente que há três dimensões no espaço e que os números são infinitos; e a razão demonstra, em seguida, que não há dois números quadrados dos quais um seja o dobro do outro. Os princípios se sentem, as proporções se concluem; e tudo com certeza, embora por vias diferentes.

Como Descartes, Pascal também identifica um alicerce. Porém, na filosofia pascaliana esse alicerce não necessita de justificativa racional, alias, nem mesmo de uma procura, pois ele é óbvio.

---

<sup>1</sup>O pensamento de Pascal nos leva a crer que o coração (juntamente com os instintos) nos proporciona a percepção e o conhecimento dos princípios primeiros que, por sua vez são a base a partir da qual a razão atua e se desenvolve.

E, além de óbvio, não é constituído ou ate mesmo alcançável por nenhum raciocínio.

Pascal, (1961, p. 122):

É tão inútil e ridículo que a razão peça ao coração provas dos seus princípios primeiros, para concordar com eles, quanto seria ridículo que o coração pedisse à razão um sentimento de todas as proposições que ela demonstra, para recebê-los.

Essa impotência deve, pois, servir apenas para humilhar a razão que quisesse julgar tudo; mas não para combater a nossa certeza, como se apenas a razão fosse capaz de nos instruir.

A preocupação de Pascal não consiste em desconsiderar ou anular a importância da razão, mas sim, adequar seu uso àquilo a que deve se aplicar. *No seu Do espirito geométrico e da arte de persuadir* (pequeno opúsculo, toda via um tanto quanto denso ao analisar a capacidade gnosiológica do ser humano), Pascal faz uma espécie de analogia ao demonstrar as limitações da geometria, entendendo essas limitações como também da razão, de modo que o que é apresentado como um novo entendimento do método de aplicação da geometria, concomitantemente se constitui em uma forte crítica a Descartes e ao seu método. Pois, para Pascal, a razão, assim como a geometria, não é autônoma e parte sempre de pressupostos.

Porém, antes de analisarmos o método geométrico pascaliano é necessário esclarecermos o motivo pelo qual, como faz o próprio Descartes, Pascal utiliza-se da geometria como melhor meio possível de uso da razão. Os motivos nos parecem dois:

a) Pascal, assim como Descartes, realmente entende o método geométrico como melhor veículo de acesso ao esclarecimento, a melhor forma pela qual o homem pode usar a razão (alias, a única forma correta de se usar a razão) em busca das verdades que pode descobrir e dos princípios que pode estabelecer;

b) A querela entre Pascal e Descartes não é somente quanto ao problema filosófico-existencial do homem, a disputa também se realiza quanto à forma de entender a própria geometria; são conceituações diferentes, ou seja, o método geométrico de Descartes não é o mesmo do de Pascal. Por entenderem a geometria de forma diferente, também entendem diversamente a sua aplicabilidade.

Já no primeiro paragrafo da seção I de seu *Do espirito geométrico e Da arte de persuadir*, Pascal deixa claro o motivo de adotar a geometria em sua busca da verdade. Pascal (1973, p.17):

Não posso dar melhor a entender a conduta que se deve ter para tornar convincente as demonstrações senão explicando aquela que a geometria observa, e não escolhi essa ciência para lá chegar senão porque somente ela sabe as verdadeiras regras do raciocínio.

Notemos que, por enquanto, o método sugerido por Pascal de demonstração da verdade parece ser escolhido pelo mesmo motivo do de Descartes.

A semelhança ainda prossegue no paragrafo seguinte. Pascal (1973, p.17):

Quero, portanto, dar a entender o que é demonstração pelo exemplo da geometria, que é quase a única das ciências humanas que produz demonstrações infalíveis, pois que somente ela observa o verdadeiro método, ao invés de todas as outras que estão por uma necessidade natural em uma espécie de confusão que só os geômetras sabem conhecer extremamente.

No entanto, apesar do seu louvor à geometria, Pascal tem uma visão um tanto quanto diferente para a época e, novamente, voltamos à questão dos princípios primeiros.

### **3. As bases e o limite da geometria**

No entender de Pascal (1973), o que a geometria pode fazer não é propriamente definir as coisas, e sim, reconhecê-la e identificá-las da melhor forma possível para o homem.

Não se reconhecem em geometria senão as definições que os lógicos chamam de definições que os lógicos chamam de definições de nome, isto é, somente as imposições de nome às coisas que se designaram claramente em termos perfeitamente conhecidos; e falo somente destas.

(...) eis um exemplo: se se precisa distinguir entre os números aqueles que são divisíveis em dois igualmente dos que não o são, para evitar de repetir muitas vezes esta condição dá-se-lhe um nome da seguinte forma: chamo a todo número divisível em dois igualmente, de número par.

Eis uma definição geométrica: porque depois de haver claramente designado uma coisa, a saber, todo numero divisível em dois igualmente, dá-se-lhe um nome que se esvazia de todo outro sentido, se os tiver, para lhe dar aquele da coisa designada ( PASCAL, 1973, p.18).

Esta passagem ilustra bem o que dissemos anteriormente quando afirmamos entender que em Descartes o que era apriorístico, para Pascal torna-se um desdobramento. Para a geometria criar uma definição ela necessariamente tem de partir de uma base; utilizando o termo pascaliano, de um principio primeiro. Ibidem (1973, pp. 19-20):

Esta ordem [geométrica], a mais perfeita entre os homens, não consiste em tudo definir ou em tudo demonstrar, nem também em nada definir nem nada demonstrar, mas em permanecer neste meio de não definir as coisas claras e entendidas de todos os homens e de definir todas as outras e de não provar todas as conhecidas dos homens, e de provar todas as demais.

Enquanto o método geométrico cartesiano tenta estabelecer princípios certos e inabaláveis, Pascal, ao contrário, esforça-se por demonstrar a impossibilidade – que é a mesma para a geometria e para o homem, já que o uso da geometria é o melhor método possível de racionalização – de se estabelecer racionalmente esses princípios certos e inabaláveis. O que se faz através da geometria é identificar e diferenciar. Ibidem (1973, p 20): “Contra tal ordem pecam igualmente aqueles que empreendem tudo definir e tudo provar e o que não cuidam fazê-lo nas coisas que não são evidentes por si mesmas”.

Pascal, ao contrário do que muitas vezes se pensa na contemporaneidade, na formulação de sua filosofia jamais abandona a racionalidade e, justamente por isso, reconhece os limites da razão. Diríamos que exatamente por reconhecer os limites da geometria, Pascal passa a compreender até onde pode ir o uso da razão. Ibidem (1973, p 20):

Se esta ciência não define e não demonstra todas as coisas é pela única razão que isto nos é impossível. Mas como a natureza fornece tudo quanto esta ciência não dá, sua ordem na verdade não dá uma perfeição mais do que humana, mas tem toda a perfeição que o homem pode chegar.

Embora tenhamos percebido a veemência de Pascal em afirmar que não podemos tudo provar e tudo definir, já que através da geometria não conseguimos isto, resta a seguinte questão: qual é o determinante desta afirmação? Ou seja, por que, afinal, a geometria não pode tudo provar e tudo definir?

Se seguir o método geométrico é a melhor maneira possível de se raciocinar, nada mais justificável do que fazê-lo; logo, o sucesso ou insucesso do seu uso está necessariamente atrelado ao sucesso ou insucesso da razão, uma vem que esta não dispõe de nada melhor a seguir do que os rumos ditados pela geometria. Isto até aqui nos parece bem claro, mas onde e como identificamos o limite da razão usando a geometria?

A resposta à questão nos ajuda a compreender a diferença entre a aplicabilidade de geometria segundo os entendimentos de Pascal e de Descartes. Ibidem (1973, pp. 17-19):

(...) é preciso antes que eu dê a ideia de um método ainda mais eminente e mais completo mas aonde os homens não saberiam nunca chegar. Pois o que vai além da geometria nos ultrapassa; e, todavia, é necessário dizer algo a seu respeito embora seja impossível praticá-lo. Este verdadeiro método, (...), consistiria em duas coisas principais: uma, não empregar nenhum termo do qual não se tenha antes explicado claramente o sentido; a outra, de nunca adiantar nem uma proposição que não se demonstrasse por meio de verdades já conhecidas, isto é, em uma palavra definir todos os termos e provar todas as proposições.

(...) certamente este método seria belo, mas é absolutamente impossível: visto ser evidente que os primeiros termos que se quisesse definir suporiam outros anteriores para lhes servir de explicação e que, da mesma maneira, as primeiras proposições que se quisesse provar suporiam outras que as precedessem; e assim, é claro que não se chegaria jamais às primeiras. Também, aprofundando as pesquisas cada vez mais, chega-se necessariamente a termos primitivos que não se podem mais definir e a princípios tão claros que não se acham outros que o sejam mais para lhe servir de prova.

Ora, o que Pascal (1973) defende como impossível, é justamente o que Descartes ambicionava, através da forma como concebia o método geométrico. A diferença da proposta quanto ao uso da geometria e o que ela pode abarcar fica mais clara à medida que Pascal argumenta a impossibilidade de se definir todos os termos e provar todas as proposições. Uma vez que isso se apresenta inviável no pensamento pascaliano, nesse mesmo momento se descortina uma importância e uma função diversa dada à geometria e também uma crítica à proposta cartesiana.

Segundo Pascal, a impossibilidade de se conhecer algo utilizando-se a geometria como método se caracteriza, portanto, por dois pontos:

a) Termos primitivos e princípios tão claros que não se acham outros que o sejam mais para lhe servir de prova:

- Pascal sugere (assim como Hume), que não podemos trabalhar racionalmente baseando-nos em dados que não possamos averiguar e comprovar a partir dos sentidos; ou seja, é necessária a experimentação.

O aprofundamento das pesquisas científicas sempre esbarrará em um ponto onde a comprovação ou caracterização do fenômeno se tornará inviável.

b) Não há como se esclarecer e provar todas as proposições:

Aqui Pascal começa a tocar em um ponto muito peculiar do seu pensamento, a problemática *ad infinitum*. O homem jamais conseguiria elaborar definições se não partisse de termos e princípios que julga claros. Entretanto, uma vez que se decida a esclarecer ainda mais o que já definiu, tentando definir também os termos e princípios que utilizou, se deparará inevitavelmente com sua própria insuficiência. Em outras palavras, mesmo que fosse possível à razão definir todos os termos que utiliza, para chegar a cada nova definição, ela necessariamente teria que utilizar outros termos e princípios. Ora, essa atitude geraria a necessidade de outras definições e a cada nova definição, mais definições; assim, o homem, mais uma vez, perceberia a impossibilidade de tudo saber pelo uso da razão.

Atualmente, todas as ciências parecem caminhar justamente em direção à aceitação do

infinito. Cada cientista esta mais distante do dogmatismo positivista compreendendo a inesgotabilidade das proposições da ciência que estuda. Hoje parece estarmos voltados para os grandes passos dados pela engenharia genética, mas, mesmo na física e na matemática que durante muito tempo foram consideradas ciências exatas, algo parece corroborar a visão pascaliana e seu deslumbramento quanto ao infinito. Além do principio da indeterminação de Heisenberg, quem poderia prever o impacto de teorias como a da relatividade (Einstein), a do caos (René Thom) e a geometria não-euclidiana? Ora, embora vislumbrem outros pontos, nenhuma delas consegue situar o homem fora de sua condição de trabalhar apoiando em princípios primeiros e, entretanto, todas acabam por não se fechar, mas sim, justamente ao contrario, como Pascal, acabam por deixar cada vez mais em aberto a posição do homem perante o infinito.

#### 4. Segundo Descartes

Parece-nos inegável que a grande preocupação de Descartes era, em sua obra, encontrar um alicerce no qual pudesse legitimar as suas próprias convicções. Pessanha (1997, p. 14):

A maior parte da obra de Descartes é consagrada às ciências; mas ele compreende que não é suficiente pesquisar e resolver problemas científicos (...), se, naquele tempo de incertezas, não conseguir justificar a própria legitimidade da ciência.

A legitimidade perseguida por Descartes consistia em uma base racional que pudesse ser considerada válida para que daí, e somente a partir daí, se pudesse creditar qualquer dado como verdadeiro.

Essa base racional, por não depender da experiência e por Descartes entender que a filosofia estabelece os princípios das ciências, deve ser problematizada para, uma vez alcançada, oferecer segurança aos princípios filosóficos que, a partir de então, poderão ser aplicados. O problema da verdade, para Descartes é, em primeiro lugar, o problema da verdade filosófica. Descartes (1996, pp. 69-70):

Da filosofia nada direi, senão que, vendo que foi cultivada pelos mais excelsos espíritos que viveram desde muitos séculos e que, no entanto, nela não se encontra ainda uma só coisa sobre a qual não se dispute, e por conseguinte que não seja duvidosa, eu não alimentava qualquer presunção de acertar melhor do que os outros; e que, considerando quantas opiniões diversas, sustentadas por homens doutos, pode haver sobre uma e mesma

matéria, sem que jamais possa existir mais de uma que seja verdadeira, reputava como falso tudo quanto era somente verossímil.

Depois, quanto às outras ciências, na medida em que tomam seus princípios da filosofia, julgava que nada de sólido se podia construir sobre fundamentos tão pouco firmes.

Devemos notar que, para Descartes, na nossa razão esta a chave para todas as nossas questões, pois se a busca da verdade é um problema, o que possibilitará a solução desse problema é o uso da razão.

O que anteriormente destacamos como “alicerce para as convicções”, trata-se da verdade procurada por Descartes, mas devemos perceber – a relevância da questão esta justamente nesse ponto – é que para ele a compreensão dessa verdade esta submetida à lógica de uma interpretação por parte da razão. Não podemos caracterizar como verdade, nem podemos levar em consideração o que não puder ser aprovado e provado por uma averiguação racional.

Tudo o que concebemos e acreditamos entender, a partir do momento em que se elege a razão como a única capaz de constatar a verdade, precisa se submeter à interpretação racional.

Era preciso legitimar as ciências; as ciências extraem seus princípios da filosofia; a filosofia como fornecedora de princípios às ciências precisa do seu próprio princípio certo e inabalável. Uma verdade para ser filosófica, no pensamento cartesiano, tem de ser, portanto, racional. Se entendermos a razão como juíza absoluta de tudo, para se buscar alguma certeza não há outro meio que não seja para recorreremos à dúvida universal. A procura de Descartes por um princípio filosófico estabeleceu, assim, a dúvida universal. O fato de Descartes entender que em busca da verdade não se pode deixar de duvidar fez surgir a primeira verdade de seu pensamento, ou seja, uma vez que se duvide, não se pode duvidar de que se duvida. A dúvida universal, uma vez estabelecida, por consequência lógica passou a ser a verdade que Descartes procurava. *Ibidem* (1973, pp. 91-92):

Advertir que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que procurava.

O fato de pensar, ao mesmo tempo que criou dúvida para Descartes, também foi o que garantiu a si mesmo sua própria existência. Assim, partindo do pensamento cartesiano, se duvidamos, pensamos, se pensamos, existimos. Após isso, temos a existência perfeitamente

obedecendo à lógica e, dessa forma, estamos racionalmente autorizados a ser.

Descartes acreditava que a razão fosse autônoma e sobretudo, o que nos parece fundamental na filosofia cartesiana, o único atributo humano capaz de apreender a verdade.

O fato da razão, o instrumento de Descartes, ser o único atributo seu capaz de guia-lo à verdade, levou-o à primeira verdade, não exatamente como o seu guia, mas apenas pelo seu simples uso. Em outras palavras o uso da razão é uma verdade.

## 5. Considerações Finais

A diferença entre os pensamentos de Pascal e Descartes, no que tange à razão ao nosso entender se restringe a dois pontos:

- a) Segundo Pascal, a razão não atua independentemente de outros atributos do ser humano;
- b) Pascal identifica que além da razão não atuar de maneira desvinculada dos outros atributos do ser, ela necessariamente parte de pressuposto, ou seja, de princípios primeiros.

O que visamos amostrar neste artigo, basicamente, é que em Pascal, a partir dessas duas diferenças, a razão perde em relação ao pensamento de Descartes a sua soberania. Em outras palavras, embora Pascal não negue a importância da razão, não a compreende como instrumento perfeito para a busca da verdade. Ainda que não possamos negar que pensamos – segundo Descartes, esta é a prova de nossa existência – há que se considerar o seguinte: se não sentirmos, sobre o que vamos pensar?

A partir do pensamento pascaliano novas questões surgem, como por exemplo, se a razão pode preceder aos sentidos, como entende Descartes a partir dúvida universal. Da mesma forma que não podemos negar a obviedade de que pensamos, também não podemos negar que sentimos e, se entendermos que não é a partir de constatações que a razão se desenvolve, está levantada a questão: sobre o que ou de que maneira a razão se desenvolveria?

Pascal, sem duvida, possui uma visão mais abrangente do homem, visão essa que o faz perceber que a razão não existe como independente, soberana e imparcial, e sim, como um dos tributos do ser, tão capaz de ser influenciada e se equivocar como os demais.

## 6. Referências bibliográficas

ANTISERI, Dario, REALE, Giovanni. **Historia da Filosofia**, v. II. São Paulo: Paulinas, 1990.

BÉGUIN, Albert. **Pascal**. Trad. Juan Almeida. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

BEYSSADE, Michelle. “A Dupla Imperfeição da Ideia Segundo Descartes”. In: **Analytica**, v.2, n° 2. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 37 – 49.

BRAS, Gerard, CLERO, Jean Pierre. **Pascal. Figures de l'imagination**. Paris: Press Universitaire de France, 1994.

DESCARTES, René. **As Paixões da Alma**. São Paulo: Nova Cultural. Col. Os Pensadores, 1996.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Método**. São Paulo: Nova Cultural. Col. Os Pensadores, 1996.

\_\_\_\_\_. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural. Col. Os Pensadores, 1996.

\_\_\_\_\_. **Objecções e Respostas**. São Paulo: Nova Cultural. Col. Os Pensadores, 1996.

DESCOTES, Dominique. **L'Argumentation chez Pascal**. Paris: Press Universitaire de France, 1993.

HUME, David. **Investigação Acerca do Entendimento Humano**. São Paulo: Nova Cultural. Col. Os Pensadores, 1996.

MONDIM, Batista. **Curso de Filosofia**. v. II. São Paulo: Paulus, 1981.

OLIVA, Luiz César Guimarães. “A verdade em Blaise Pascal”. In: **Cadernos Espinosanos**, IV, 1998, São Paulo: USP, pp. 41 – 54.

PASCAL, Blaise. **Do Espírito Geométrico e da Arte de Persuadir**. Trad. Remy de Souza. Salvador: Beneditina Ltda, 1973.

\_\_\_\_\_. **Pensamentos**. Trad. Sergio Milliet. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

\_\_\_\_\_. **Pensées**. Paris Garnier-Flanmarion, 1976.

PESSANHA, José Américo Motta. **Descartes – Vida e Obra**. São Paulo: Nova Cultural. Col. Os Pensadores.

PETIT, Henri. **Descartes et Pascal**. Paris: Editions L' Harmattan, 1995.

ROBLEDO, Antonio Gomez. **Estudios Pascalianos**. Cidade do México: Jimenez Editores e Impressores, 1992.

*Recebido em: 02.06.2014*  
*Aceito em: 03.07.2014*